

Pierre Salama<sup>1</sup>

Lembranças, lembranças,  
aquelas que marcam.

## Além do Celso Furtado brasileiro, o Celso “francês”

Em 1966, quando cursava o quarto ano de universidade, tive a oportunidade de frequentar as aulas de Celso Furtado na Faculdade de Direito e Economia de Paris. Eu o segui no meu quinto ano.

Foi como uma revelação. Até a sua chegada, o desenvolvimento estava confinado aos estudos africanos. Nos anos 1950, os professores de desenvolvimento tinham o título de professor das colônias, como ainda se pode ver nos cartazes dos cursos do Panthéon. Celso Furtado, com seu sotaque, nos explicou que o subdesenvolvimento podia ser industrializado, que os países eram capazes de produzir bens sofisticados, mas que a informalidade era muito importante, a desigualdade de renda era considerável, a porcentagem da população nas cidades aumentava muito rapidamente a ponto de, na época, estar próxima à dos países avançados. Isso colocava problemas consideráveis, e era impossível entender o desenvolvimento sem levar em conta as estruturas internas desses países e as relações assimétricas que eles tinham com os países avançados.

Para compreender a importância destes ensinamentos na França, temos de olhar para os anos 1960: a crescente mobilização dos estudantes, primeiro contra a guerra na Argélia pela independência, depois contra a guerra do Vietnã, uma esperança no que estava a acontecer na América Latina (a Revolução Cubana, ou mesmo a solida-

---

1. Professor Emérito da Universidad de Paris XIII.

riedade com as guerrilhas na América Latina). Esses movimentos estavam preparando, de forma subterrânea, o maio de 1968. Havia também uma grande sede de entender como o capitalismo funcionava, especialmente em sua periferia. Era o tempo em que se liam textos fundamentais sobre o assunto: os neo-cambridgianos (Joan Robinson, Nicholas Kaldor, Piero Garegnani, depois Piero Straffa, Karl Marx, lidos diretamente). Havia autores franceses, como François Perroux, Maurice Byé, cujo pensamento, como o dos neo-cambridgianos, tinha influenciado fortemente Furtado.

Celso Furtado trouxe-nos elementos de resposta às nossas muitas perguntas, daí o interesse dos alunos em seguir os seus cursos e o «ciúme» de alguns professores especializados no desenvolvimento por verem os seus cursos esvaziados. Isto explica por que durante os primeiros anos do seu ensino, Celso Furtado não conseguiu orientar teses oficialmente e tivemos de contornar os obstáculos para podermos nos beneficiar dos seus conselhos. Finalmente, tive a sorte de ser seu assistente por um ano, depois de ter terminado minha tese no início dos anos 1970, publicada no Brasil pela editora Vozes.

Celso Furtado tem influenciado fortemente os estudos de desenvolvimento na França. Estou pensando nas notáveis teses de Carlo Benetti e Sid Ahmed, por exemplo, que foram escritas no início dos anos 1970. Posteriormente, Celso Furtado lecionou também no IEDES (Instituto de Estudos do Desenvolvimento, traduzido em português), um instituto que faz parte da Universidade de Paris I (o novo nome da Faculdade de Direito e Economia de Paris). Também dei aulas neste Instituto durante muitos anos após a conclusão da minha tese, no início dos anos 1970. Foi uma época em que muitos latino-americanos vieram a Paris para estudar, alguns deles tinham sido forçados a fazê-lo porque eram refugiados políticos – estou pensando aqui nos brasileiros em particular – e outros porque o que estava sendo ensinado lá parecia mais interessante para eles do que o que estava sendo oferecido na América do Norte. Celso Furtado teve muito sucesso no Instituto. Sua influência já não se limitava aos estudantes franceses, mas também incluía um grande número de estudantes latino-americanos naquela época. Era a época da “glória” do Instituto, da sua grande influência.

\*\*\*

Nesta segunda parte, meu objetivo é dar um exemplo das rupturas teóricas que Furtado propôs em relação à ignorância (na pior das hipóteses) ou aos mal-entendidos (na melhor das abordagens), sobre a questão do desenvolvimento propostas pelos professores tradicionais, e de apresentar a sua abordagem à tendência para a estagnação.

De mais de um ponto de vista, a corrente estruturalista desenvolvida principalmente entre os anos 1950 e 1970 pela Cepal foi iconoclasta e inovadora. Ao contrário das teses desenvolvidas pelo FMI, esta corrente enfatiza as estruturas de inércia que caracterizam os países em desenvolvimento - desigualdade de renda, a estruturação de grupos e classes sociais, a economia mundial pensada como estruturada e hierárquica, com o centro de um lado e a periferia do outro - para explicar os obstáculos ao desenvolvimento. Ao contrário das ideias dominantes dos anos 1950 a 1980<sup>2</sup>, as economias semi-industrializadas não sofrem de falta de capital e de abundância de mão de obra, o que justifica a especialização em produtos de baixa tecnologia e de mão de obra intensiva. Pelo contrário, sofrem com a capacidade ociosa de produção, que só é maior nos países avançados, e de escassez de mão de obra qualificada. É este paradoxo, em relação aos ensinamentos dominantes, que o movimento estruturalista latino-americano procura explicar. É aqui que reside o seu aspecto original e inovador. Destas análises resulta que a saída para a crise não passa pela contenção da demanda, mas sim por uma política favorável ao desenvolvimento industrial orientado para a satisfação do mercado interno. Para ser eficaz, esta política deve basear-se na reforma agrária, na redução das desigualdades de renda, na renegociação da dívida externa.

As explicações teóricas para a tendência à estagnação foram desenvolvidas por Celso Furtado (1966<sup>3</sup>) em duas formas. A primeira provou ser irrelevante. A segunda recuperou uma certa atualidade.

Sua primeira tese destacou a impossibilidade de continuar o processo de substituição de importações pesadas (bens intermediários, bens de capital) por causa da crescente rigidez da estrutura de importação. Segundo este raciocínio, a restrição ex-

---

2. Com algumas exceções, como as análises de Prébisch R., Pinto A., Furtado C., Sunkel O., ou Noyola da Cepal (ver Rodriguez O., 1988, *La teoría del subsarrollo de la Cepal*, ed Siglo XXI, e em francês Guillen Romo H. 1994, "De la pensée de la Cepal au néolibéralisme, du néolibéralisme au néo-structuralisme, une revue de la littérature latino-américaine", *Revue Tiers Monde*, n°140, 907-930), de Weiler J, 1965, *L'économie internationale depuis 1950*, ed PUF, onde o autor critica a tese de vantagens comparativas baseada numa abordagem estática e favorece a dinâmica, que consiste em apostar em novas estruturas.

3. Ver em francês, Furtado, C. 1966, *Développement et sous-développement*, ed PUF.

terna, anteriormente fonte de dinamismo («crescimento impulsionado pelo mercado interno»), está gradualmente se transformando no seu oposto. Com efeito, a continuação do processo na sua segunda fase, a chamada fase pesada, gera gradualmente importações de bens de capital e produtos intermediários de tal forma que o valor dos bens importados acaba por exceder o valor dos bens a serem substituídos pela produção local. Como o país não é capaz de assumir dívidas suficientes, a relativa falta de divisas torna impossível a conversão de dinheiro em capital no setor industrial na sua totalidade, devido à impossibilidade de importar quantidades suficientes de bens de capital. O conseqüente aumento dos preços relativos dos bens de produção também torna mais caro o investimento na indústria, e o dinheiro é então canalizado para outros locais que requerem menos importações, tais como imóveis ou o consumo de bens de luxo, em detrimento do investimento industrial. A taxa de crescimento da formação bruta de capital fixo diminui, o consumo improdutivo aumenta e o comportamento rentista dos empresários torna-se mais pronunciado.

A fragilidade desta manifestação decorre do fato de pressupor a existência de grandes obstáculos à contração de empréstimos externos. No entanto, esta avaliação revelou-se errada, uma vez que estes países se engajaram desde os anos 1970 num forte processo de endividamento externo, particularmente e sobretudo sob a ditadura no Brasil, entre 1964 e 1979, data da «abertura», ou seja, da abertura democrática.

A segunda explicação para a tendência de estagnação apresentada por Furtado refere-se ao crescente divórcio entre a evolução de uma distribuição de rendimentos particularmente desigual e as condições de produção de certos produtos ditos «dinâmicos» em economias semi-industrializadas relativamente fechadas ao comércio internacional.

Do lado da demanda, quando a produção se torna mais complexa e exige não só uma maior intensidade de capital, mas também uma mão de obra mais qualificada e melhor remunerada do que na primeira fase de substituição de importações de bens leves, a distribuição de rendimentos entre os trabalhadores torna-se mais desigual. Do lado da oferta, as capacidades de produção mínimas ideais tornam-se mais importantes, especialmente para bens intermediários e bens de consumo duráveis, como os automóveis. A dimensão da oferta destes bens corresponde cada vez menos às dimensões da demanda (das classes médias insuficientemente numerosas). A capacidade ociosa de produção aumenta nestes segmentos de oferta, aumentando os custos

unitários. É, aliás, o que explica em parte que o Estado intervenha nos segmentos intermediários, sendo, além disso, o único a ter capacidade de financiamento para o fazer, por falta de um mercado financeiro importante fora das bolsas de valores.

A crescente capacidade ociosa de produção no setor de bens duráveis afeta a sua lucratividade. Apesar do protecionismo de que gozam as empresas deste setor, elas estão em parte limitadas pela competitividade. A reforma agrária e a redução da desigualdade de renda poderiam proporcionar uma saída para esta armadilha e escapar à estagnação econômica. Em vez disso, um golpe de Estado, visando reduzir os salários reais dos trabalhadores, que não são consumidores desses bens, é «bem-vindo» para os mais conservadores na medida em que reduz o custo da oferta sem afetar a demanda e permite o renascimento de um regime de crescimento excludente, impulsionado tanto pelo aumento da oferta dos bens de consumo duráveis quanto das classes médias que consomem esses bens<sup>4</sup>.

Nos últimos trinta anos, a polarização da renda em favor dos 5% mais ricos da população explica melhor a tendência rentista dos investidores, a modesta taxa de crescimento desde os anos 1990 e a alta volatilidade do crescimento nas economias latino-americanas. É, portanto, uma combinação de vários fatores - a retirada do Estado, os efeitos perversos das finanças sobre o investimento produtivo e a polarização a favor de rendimentos elevados – que explicaria a baixa taxa média de crescimento e o seu aspecto particularmente volátil desde os anos 1990.

Estas poucas palavras para dizer o quão importante foi a contribuição de Celso Furtado para nós na França de 1964 a 1974, e depois durante as suas estadias anuais. Ele marcou profundamente os estudos de desenvolvimento na França. Infelizmente, este é um aspecto pouco enfatizado nas biografias de Furtado no Brasil.

---

4. Para uma discussão aprofundada destas teses, assim como de outros economistas como Steindl, Dutt, Kalecki, ver Salama P., 2006, *Le défi des inégalités*, ed. La decouverte, em português: *O desafio das desigualdades*, Editora Perspectiva, 2011.